

OVERTHINKING: CONSTRUÇÃO PERFORMÁTICA A PARTIR DE ENTRECruzAMENTOS ARTÍSTICOS.

MARIANA ROCKEMBACK DA SILVA¹; KELLY SOUZA SILVA²; DAVID FERREIRA VIEIRA³; CARMEN ANITA HOFFMANN⁴

¹UFPel/UCPel – marianaa.rockenback@hotmail.com

²UFPel – kellyssousa@yahoo.com.br

³UFPel – david.fevii@gmail.com

⁴UFPel – carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata uma produção artística e seu processo criativo a partir do componente curricular “Corpo, Espaço e Visualidade” do curso de Dança-Licenciatura da UFPel, que visa trabalhar a interdisciplinaridade entre diversas linguagens da arte. Tendo tido em aula contato através de professores do teatro, música, artes visuais, dança e cinema. Os alunos tiveram contato com essas diversas fontes e foram instigados a propor inovações em arte ao compor um trabalho final a partir dos entrecruzamentos expostos em cada aula. A professora das artes visuais, Helene Sacco, abordou o tema “o corpo como potencial criador” na arte em suas diversas possibilidades. Foram abordados pontos como: O que é o corpo? O corpo na arte é de natureza plástica? O que pode o corpo? O corpo está sempre em transformação. A partir da contextualização sobre essa temática tivemos como tarefa a produção de um novo corpo, com materiais alternativos. Foi criada uma silhueta com a cabeça ampliada pensando na relação com a contemporaneidade onde o intelecto é supervalorizado.

Numa sociedade marcada por controle e racionalidade, os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos. Amarrados ao império do relógio, ao tempo da produção, estamos aprisionados aos próprios esquemas, ou melhor, aos limites que nos foram impostos, na vida escolar, na família, no trabalho. Tendo aprendido a engolir os desejos, são estes mesmos esquemas que necessitamos reproduzir, através das normas que pretendemos impor às crianças, modelando os gestos e, simultaneamente, aquietando o espírito (TIRIBA, 2008. p.8).

Imersos no contexto de uma licenciatura problematizamos o olhar para o corpo refletindo sobre a massificação dos corpos começando dentro das escolas desde muito cedo. O corpo é acomodado por um padrão regido pela sociedade,

que o molda a atividades repetitivas, padronizando assim a corporeidade Pena; Bogéa; Borges (2008, p.30). Este corpo vem sendo esquecido na atualidade, como se o mesmo não construísse uma trajetória, uma memória e seus próprios desejos.

A obra criada trata-se de um vídeo-performance que traz o questionamento acerca da expressão *overthinking*, termo em inglês que significa “pensar demais”. De forma contemporânea este termo personifica o estado mental humano onde o excesso de informação é intenso a ponto de ultrapassar os limites físicos, para além das capacidades naturais do corpo. Pensando nisto, este trabalho traz uma nova silhueta com a cabeça ampliada simbolizando o peso da bagagem adquirida pelo personagem através de uma vida, vida esta também construída por uma sociedade massificadora e a mídia de incentivo ao consumo e formação de ideais.

Entretanto, ao assumir a função de formar as novas gerações para a reprodução do modelo urbano-industrial, a instituição escolar ignorou concepções que não fragmentam nem subordinam o corpo à mente. Ao contrário, optou por uma visão que, ao hipervalorizar o ego e o intelecto, nega a verdade do corpo. De fato, temos sentido as consequências de um cotidiano regido por uma rotina de esforços mentais e inflexibilidade física. As doenças se manifestam, são resultado de um modo de funcionamento – da sociedade, da fábrica, da escola, da instituição familiar, de cada um de nós – que é alienado em relação a muitas das mais elementares necessidades físicas, como respirar profundamente, alimentar-se sadiamente, dormir bem, relaxar (TIRIBA, 2008. p 8).

Precisa-se saber de tudo, conhecer o mundo, falar sobre política, arte e filosofia não esquecendo de ter muitos amigos e um bom trabalho para ganhar bem. Neste contexto percebe-se que o corpo, este que é crescentemente massificado e prático, está perdendo para a supervalorização e a obrigação de saber de tudo a cada vez mais. Descargas de informação são nos impostas diariamente e delas somos feitos.

A partir deste conceito cria-se o personagem que é colocado em um cenário cotidiano transitando em situações comuns e rotinas diárias de diversas realidades, Zé Cabeção é feito gente, feito máquina, feito produto. O que importa é que é feito e refeito se der defeito. Somos todos um pouco Zé, tomando café, fazendo pliê, indo para o trabalho recriando o porquê.

2. METODOLOGIA

A realização do trabalho seguiu o seguinte caminho metodológico: 1) criação de uma silhueta modificada a partir da aula o que pode o corpo; 2) leitura e fichamento dos materiais sobre corpo na arte, corpo na escola, corpos massificados; 3) reflexão a partir dos fichamentos para realização da performance; 4) criação de um roteiro a gravação de um vídeo-performance; 5) gravação de um vídeo;e; 6) edição das cenas gravadas em forma de vídeo; 7) apresentação do vídeo finalizado como trabalho final da disciplina “Corpo, Espaço e Visualidade”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do trabalho apresentou-se um vídeo, onde o personagem “Zé Cabeção” aparece em cenas cotidianas, vivendo um dia normal. Na gravação houve a participação da comunidade pelotense, foram usados espaços como o centro de Pelotas, uma escola, um Studio de Dança e uma cafeteria. Com a edição do vídeo tínhamos um produto final que nasceu da proposta de uma reflexão acerca de um corpo contemporâneo.

A partir desse vídeo foi feita a análise do quanto esse personagem criado em sala de aula tinha relação com muitos dos assuntos abordados dentro das disciplinas teórico/práticas do curso de Dança. Passamos a olhar para além do que pode o corpo, as leituras e fichamentos que embasaram essa criação nos fizeram ver o quanto o intelecto é supervalorizado e o corpo é negligenciado dentro das escolas, no trabalho e na sociedade em geral. De tudo, ficou a intenção de dar continuidade ao trabalho, a fim de instigar novas e retomar antigas reflexões, alavancar olhares para aspectos que por vezes passam despercebidos em nosso cotidiano tão plural.

4. CONCLUSÕES

Levando em consideração a proposta da disciplina “Corpo, Espaço e Visualidade” de estabelecer relações entre as diversas linguagens da arte e a costura entre teoria e prática, o trabalho final para disciplina em forma de vídeo-performance trouxe à tona questionamentos acerca da separação corpo e mente e o quanto na sociedade contemporânea o excesso de informações nem sempre significa qualidade. O trabalho abordou aspectos estéticos e simbólicos de forma interdisciplinar. Este trabalho conseguiu unir potencialmente as artes de forma híbrida passeando entre as linguagens, tais como dança, artes visuais, moda, teatro e cinema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos**. Pelotas: Editora Universidade-UFPeI, 2009.

KASPER, Kátia Maria. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo. **Pro-Posições, Campinas**, v. 20, n. 3, p. 60, 2009.

PENA, Alexandra; BOGÉA, Isabel C; BORGES, Leonor Pio. Aconchegando O Corpo Na Escola: As Perspectivas Pensando o lugar do corpo na escola. **O corpo na escola**. Salto para o futuro -TV Escola- Ano XVIII, boletim v. 4, 2008.

TIRIBA, Léa. Proposta pedagógica. **O corpo na escola**. Salto para o futuro- TV Escola- Ano XVIII, boletim v. 4, 2008.